Índice

Apresentação 15

Peculiaridades portuguesas

Coisas que o mundo inteiro deveria aprender com Portugal 19
Somos muito mais ricos do que pensamos 23
Cabecinhas brancas flutuantes 25
Ó, Nuno! 27
Reunião de condomínio 29

Conversas portuguesas

Bilinguismo luso-brasileiro 33
Claro e evidente 35
Os portugueses são grosseiros? 39
Bilinguismo luso-brasileiro 2 43
Eu falo Brasiu, ele fala Purtugal 47

Mesa portuguesa

Sopinha 51
O chinês amargo 53
Como ser magro em Portugal 55
Estranhos hábitos 57
Sobre pizza e honestidade 59

Acidentes portugueses

Terceiro tombo em Lisboa 63
Eu não casei com você 65
Embaixada paraguaia 67
A velha e o gato 71
O pó e a física 73

Amores portugueses

São Valentim 77
Até pensei que fosse minha 79
Amo-te e te amo 81
Carro funerário 83
As férias do Djavan 85

Terra portuguesa

Tomatinho 89
Ela veio 91
Raízes portuguesas 93
TAP, eu te odeio, TAP, eu te amo 95
Carnaval europeu 97

Figuras portuguesas

Sobrancelhas 101
Famílias lusitanas 103
Aquele português tão bonito 105
Taxistas 107
As dez maiores qualidades dos portugueses 109

Riso português

Sobremesa vegana 115
Humor 117
Mordida de marciano 121
O segredo para um casamento dar certo 125
Favorzinho 127

Angústias portuguesas

Mais ou menos como o passado 131
Vítimas das rifas 133
Stress à portuguesa 135
Pequena crônica do incêndio do Hotel Botânico 139
Tanta gente, Mariana 143

Crises (não exclusivamente) portuguesas

Mulheres não são chatas, mulheres estão exaustas 147
A estranha geração dos adultos mimados 149
O alto preço da independência de uma mulher 151
Quanto tempo falta para o seu casamento acabar? 153
Antes de trair alguém leia isso 155

Agradecimentos 157

Não há ninguém melhor para avaliar um país do que um estrangeiro. Mas também não há nada que os naturais detestem mais do que um estrangeiro a avaliá-los.

Neste terreno perigoso, só uma escritora como a Ruth consegue pisar sem magoar o pé nem espezinhar o chão.

Primeiro porque Ruth não é uma estrangeira no sentido habitual da palavra. É brasileira, isto é, irmã, é casada com um português, logo esposa e mãe adoptiva, e vive entre nós.

Mas Ruth não é só isso. É também uma cronista encantadora, com um talento que lhe permite falar das coisas mais ásperas com uma suavidade e um humor que cativam toda a gente – portugueses, brasileiros, estrangeiros e até apátridas.

As suas crónicas não são críticas; são cartas de amor escritas com um olho instintivo para o pormenor e uma lógica inexorável. Numa palavra, chama-se a isto talento.

Obrigado, Ruth, por estar entre nós e pelo amor com que nos envolve.

José Couto Nogueira
Escritor e jornalista

Ao Filipe, porque eu não sei se vem de Deus, do céu ficar azul ou virá dos olhos seus essa cor que azuleja o dia. Ao Filipe, por todo o seu azul. Por me dar o azul dos seus olhos e o azul do céu português. Ao Filipe, por tornar a minha vida tão cercada de azulejo.

Apresentação

Não, este não é um livro sobre ser português ou sobre Portugal. Longe disso. Honestamente, no momento politicamente caótico que o Brasil enfrenta, eu nem estou sabendo direito como ser brasileira. Não, este livro não quer explicar nada para ninguém. São apenas histórias em Portugal, com Portugal, pensando em Portugal, olhando para Portugal.

Como boa brasileira que sou, a minha árvore genealógica consiste em: avó materna meio francesa, meio portuguesa de Vila Nova de Gaia; avô materno meio alemão, meio português de não sabemos onde; avó paterna meio espanhola, meio portuguesa do Peso da Régua; avô paterno meio russo meio romeno (o único que fugiu à regra dos 50% lusitanos). Ainda assim, não tenho como não me sentir preponderantemente portuguesa.

Ocorre que um belo dia a minha irmã resolveu se casar com um conimbricense. E eu, anos depois, acabei por me apaixonar por um lisboeta amigo dele. Resultado? Cá estou, aprendendo a chamar de «marido» este português dos olhos azuis. Há três anos e meio vim morar em Lisboa por causa dele. E agradeço aos céus todo dia por ter me apaixonado por um português e não por um escocês, alemão ou búlgaro. Não há país europeu onde eu pudesse estar mais feliz.

E trata-se mesmo de uma sorte imensa, sobretudo para uma escritora. Portugal inspira poesia, ilustra histórias e protagoniza histórias de amor – não apenas a minha. É fácil escrever aqui, basta acordar e caminhar com olhos atentos. A cor do céu ajuda, o piso escorregadio também. As pessoas ajudam, os tantos mal-entendidos linguísticos também. A comida boa ajuda, a bebida em exagero também.

Este livro não quer explicar nada a ninguém – até porque eu estou desde 1988 sem entender praticamente coisa nenhuma acerca da vida. O único objetivo é ser gostoso. Ser leve, divertido e um pouco mais. E é também uma tentativa – não sei se muito boa, mas certamente bem-intencionada – de agradecer a esse país pelas tantas alegrias que ele vem me proporcionando. Algumas delas até antes de eu ter nascido.

Peculiaridades portuguesas

(Há certas coisas que só existem por aqui. Há, na verdade, muitas coisas que só existem nesses 92 mil quilômetros quadrados e em nenhum outro lugar do mundo. Sorte de quem está nessas terras para descobri-las.)

Coisas que o mundo inteiro deveria aprender com Portugal

Sou incuravelmente grata e otimista e, comemorando quase três anos em Lisboa, sinto que devo a Portugal o reconhecimento das coisas incríveis que existem aqui – embora me pareça que muitos nem se apercebem delas.

Não estou dizendo que Portugal seja perfeito. Nenhum lugar é. Nem os portugueses o são, nem os brasileiros, nem os alemães, nem ninguém. Para vermos os defeitos e pontos negativos basta abrir qualquer jornal, como fazemos diariamente. Mas acredito que Portugal tenha certas características nas quais o mundo inteiro deveria se inspirar.

Para começo de conversa, o mundo deveria aprender a cozinhar com os portugueses. Os franceses aprenderiam que aqueles pratos com porções minúsculas não alegram ninguém. Os alemães descobririam outros acompanhamentos além da batata. Os ingleses aprenderiam tudo do zero. Bacalhau e pastel de nata? Não. Estou falando de muito mais. Arroz de pato, arroz de polvo, alheira, peixe fresco grelhado, amêijoas, plumas de porco preto, grelos salteados, arroz de tomate, baba de camelo, arroz-doce, bolo de bolacha, ovos-moles.

Mais do que isso, o mundo deveria aprender a se relacionar com a terra como os portugueses se relacionam. Conhecer a época das cerejas, das castanhas e da vindima. Saber que o porco é alentejano, que o vinho é do Douro. Talvez o pequeno território permita que os portugueses conheçam melhor o trajeto dos alimentos até a sua mesa, diferente do que ocorre, por exemplo, no Brasil.

O mundo deveria saber ligar a terra à família e à história como fazem os portugueses. A história da quinta do avô, as origens trasmontanas da família, as receitas típicas da aldeia onde nasceu a avó. O mundo

não deveria deixar o passado escoar tão rapidamente por entre os dedos. E se alguns dizem que Portugal vive do passado, eu tenho a certeza de que é isso que o faz ter raízes tão fundas e fortes.

O mundo deveria encontrar o equilíbrio entre a rigidez e o afeto que os portugueses têm.

De nada adiantam a simpatia e o carisma brasileiros se eles nos impedem de agir com a seriedade e a firmeza que determinados assuntos exigem. O deputado Jair Bolsonaro, que defende ideias piores que as de Donald Trump, emergiu como piada e hoje se fortalece como descuido no nosso cenário político. Nem Bolsonaro nem Trump passariam em Portugal. Os portugueses – de direita ou de esquerda – não riem desse tipo de figura e nem permitem que ela floresça.

Ao mesmo tempo, de nada adianta o rigor japonês que acaba em suicídio, nem a frieza nórdica que resulta na ausência de vínculos. Os portugueses são dos poucos povos que sabem dosar rigidez e afeto, acidez e doçura, buscando sempre a medida correta de cada elemento, ainda que de forma inconsciente.

Todo país do mundo deveria ter uma data como o 25 de Abril para celebrar. Se o Brasil tivesse definido uma data para celebrar o fim da ditadura, talvez não observássemos com tanta dor a fragilidade da nossa democracia. Todo país deveria fixar o que é passado e o que é futuro através de datas como essa.

Todo idioma deveria carregar afeto nas palavras corriqueiras como o português de Portugal carrega. Gosto de ser chamada de «miúda». Gosto de ver os meninos brincando e ouvir os seus pais chamá-los carinhosamente de «putos». Gosto do uso constante de diminutivos. Gosto de ouvir «magoei-te?» quando alguém pisa no meu pé. Gosto do uso das palavras de forma doce.

O mundo deveria aprender a ter modéstia como os portugueses – embora os portugueses devessem ter mais orgulho do país do que costumam ter. Portugal usa as suas melhores características para aproximar as pessoas, não para afastá-las. A arrogância que impera em tantos países europeus passa bem longe dos portugueses.

O mundo deveria saber olhar para dentro e para fora, como Portugal faz. Portugal não vive centrado em si próprio, como a França e os Estados Unidos. Por outro lado, não ignora importantes questões internas, priorizando o que vem de fora, como ocorre em tantos países colonizados.

Portugal é um país muito mais equilibrado do que a média e é muito maior do que parece. Acho que o mundo seria melhor se fosse um pouquinho mais parecido com Portugal. Essa sorte, pelo menos, nós, brasileiros, tivemos.